



NÓS

ESCOLA WALDORF RUDOLF STEINER

2º semestre de 2024

A revista NÓS revela no fluir das páginas a jornada do estudante em nosso território. Os cuidados em relação ao brincar infantil no primeiro setênio estão estruturados para elucidar como o entreter-se e o entretenimento disputam lugar nos dias de hoje.

Aos poucos os estudantes constroem seus saberes e, pelos relatos e registros, podemos ter a visão desde o plantio no terceiro ano até a construção de um ambiente renascentista, no 7ºano, quando o jovem adquire uma nova perspectiva sobre o mundo.

O caminho musical percorrido pelos discentes é descrito ano a ano nessa edição, com enfoque à orquestra e ao encontro de orquestras, que possibilita o encontro de tantos jovens para tocarem juntos.

O projeto “Na trilha das águas” deu um passo novamente para o mundo ao redor, conduzindo a população para mais uma pintura de asfalto na festa celebrativa de aniversário do Parque do Cordeiro. Confira os depoimentos dos estudantes do Ensino Médio a respeito do STMUN que registram o quanto esse “ir para fora”, além dos muros da escola, da nossa instituição, propõe e contribuiu para o desenvolvimento do sujeito que, na jornada escolar, desfruta de inúmeras possibilidades. Também depoimentos a respeito dos TCCs dos 12ºs anos revelam o envolvimento e desenvolvimento, os desafios e as conquistas para apresentarem um tema de livre escolha.

Estudantes percorrem o caminho oferecido pela escola e seguem seu destino. Nesse momento, dedicamos esta edição ao nosso querido ex-aluno Lucas Breur (in memoriam) e à sua família tão presente que por anos e até agora participam, do nosso dia a dia escolar.

Siga em paz, querido Lucas!

Helena Würker

SUMÁRIO

Reflexão

Harpa Eterna	04
A vida humana e seus mistérios	07

Educação Infantil

Nossa recreação e nossa criança do 1º setênio	10
---	----

Ensino Fundamental

Jardinagem do 3ºano	17
O sol como grande imagem no 5ºano	19
Um novo roteiro: Cristalina	28
A escrita em língua alemã no 6ºano	32
Época de história no 7ºano	35

Ensino Médio

TCC: muito além de um trabalho	37
Orquestra e Camerata EWRS	43
Na trilha das águas	46
StMUN: ONU dentro da escola	48

Comunidade

Uma pandemia silenciosa	51
Aluno Waldorf só pode ser artista?	54



A HARPA ETERNA

In memoriam Lucas Breur

*“Land of song!” said the warrior bard,
*“Though all the world betrays thee,
One sword, at least, try rights shall guard,
One faithfull harp shall praise thee!”*
(Folclore irlandês)

Vivia, em tempos antigos, na Irlanda, um jovem bardo cujo nome era Angus. Herdara de seu pai uma harpa sem igual, que tinha uma corda dourada, e quando os dedos de Angus roçavam-lhe as cordas, esta ressoava junto com as outras, e seu som dourado se espalhava sobre as canções como a luz do sol, ao amanhecer, fluindo por sobre as ondas do mar, vindo do horizonte infinito.

Foi por isso que o povo da ilha amava a Angus como a um tesouro recebido das mãos de Deus. A música da harpa acalentava e iluminava a vida dos irlandeses, tanto nas horas de alegria como nas de tristeza.

Certa vez, a ilha foi atacada e devastada por guerreiros selvagens que vieram pelo mar em navios que pareciam dragões. Os reis da Irlanda reuniram seus homens em defesa da pátria, sabendo que apenas um milagre podia ajudá-los.



E, com efeito, no dia da batalha eles não estavam sós. No alto de uma colina verde estava Angus e os vigiava lá de cima, com a harpa eterna nas mãos. Vidente que era, avistara os demônios das trevas, que esvoaçavam com gritos terríveis acima das hordas cruéis que inundaram o vale verdejante como o lodo do inferno.

Ao ressoar, porém, a cantiga do bardo, banhada pelo tom dourado da harpa, os demônios fugiram em debandada e, no campo de batalha, os fiéis irlandeses em pouco tempo desbarataram os bárbaros. O último a resistir foi o próprio Príncipe das Trevas. Com um grito estridente, ele se precipitou sobre o bardo e arrebentou com suas garras, a corda de ouro...

Desde então, a música de Angus soava diferente. Ele tocava como antes o tinha feito mas, sempre que os dedos passavam pelo lugar vazio da corda dourada, ouvia-se um acorde cheio de queixume e luto pelo brilho perdido. A tristeza invadiu também o coração de Angus.

Por fim, ele não suportou mais a perda do que tinha sido o tesouro mais precioso, tanto de sua alma: como da de seu povo.

Numa noite de tempestade, subiu para o alto dos rochedos de Moher. Ele ouvia, do fundo do abismo, o bramido do infinito oceano, e foi



para lá que atirou sua harpa. Enquanto as lágrimas jorravam dos olhos do cantor, a harpa eterna sumiu nas águas como uma centelha que se apaga, ao longe, na escuridão da noite.

Mas, de repente, viu o que nunca antes havia visto: na névoa e na espuma que pairavam acima da água, surgiu uma barca flutuando calmamente sobre as ondas encapeladas. Na barca se erguia um vulto luminoso, segurando em sua mão a harpa.

"Angus, disse uma voz branda e forte, tu me reconheces?"

"Sim, Senhor, é Tir-nan-Og, o Rei dos Elementos."

"Poderás restituir a corda de tua harpa. Acompanha-me pelas vastidões do mar, recolhendo, ao alvorecer, os primeiros raios do sol, fiando com eles uma nova corda de ouro, até que, depois de mil anos, tua harpa volte a ser o que era. Retornarás então para teu povo, e as trevas nunca mais vencerão teu cântico."

E Angus embarcou...

A vida humana e seus mistérios

A metodologia biográfica como forma de cura da alma

Claudia Lang, ex-aluna

Nascemos, vivemos e morremos, e é só isso? Passear pelo Bairro da Liberdade aos sábados, no horário do almoço, sempre me proporciona uma reflexão profunda. Ao observar a multidão, fico pensando que cada pessoa tem uma história de vida única, com seus sonhos e desafios, mas todas compartilham um elemento comum: os arquétipos do desenvolvimento humano, conforme delineados pela antropologia antroposófica de Rudolf Steiner (1861-1925).

A metodologia biográfica, baseada na Antroposofia, foi introduzida e difundida no Brasil e no mundo pela Dra. Gudrun Burkhard (1929-2022). Este método oferece um olhar atento e cuidadoso para a história de vida daqueles que estão dispostos a explorá-la e sobre ela refletir.

Mas como isso funciona?

Nós, famílias de estudantes Waldorf, ficamos fascinadas quando os professores nos explicam, ao longo da vida escolar de nossos filhos, os principais marcos em suas vidas, segundo a antroposofia, e que são lindamente trabalhados na pedagogia Waldorf. Exemplos disso são o portal do 1º ano, quando a criança está pronta para o aprendizado cognitivo por volta dos 7 anos, marcando o início da vida escolar e do segundo setênio de vida; ou aos 21 anos, quando, no início da fase adulta, muitas vezes, deixamos a casa de nossos pais, escolhemos nossas profissões ou fazemos um estágio que muda nossos planos: estamos finalizando o terceiro setênio de vida.

Mas como esses marcos acontecem ao longo dos três setênios e como podemos revisitar e entender momentos significativos em nossa biografia após anos ou até mesmo décadas? Como as decisões tomadas aos 21 anos refletem ao longo de nossas vidas? Os setênios são blocos de sete anos, sendo esse o primeiro passo dentro do aconselhamento biográfico: a divisão da idade atual da pessoa por sete, contudo, esse é apenas um dos diversos marcos na biografia humana, segundo a antroposofia e que estudamos como aconselhadores.

Durante a formação em aconselhamento biográfico, que eu realizei na Escola Livre Antroposofia - Formação e Estudos Biográficos, em Juiz de Fora, Minas Gerais, cada aluno foi convidado a escolher uma biografia fechada (de uma pessoa falecida há mais de 10 anos) e estudar essa vida aplicando a metodologia biográfica.

É surpreendente como os arquétipos se revelam em cada biografia apresentada. Eu estudei a biografia da Imperatriz Leopoldina, que viveu há mais de 200 anos. Apesar de sua morte precoce aos 30 anos, os arquétipos se manifestaram claramente nos três setênios que ela viveu. Quanto mais estudo biografias ou as ouço e trabalho, mais fascinada eu fico com a metodologia e com o resultado que ela nos proporciona.

O processo de aconselhamento biográfico

O aconselhamento biográfico é encantador para quem o vivencia. É um momento de introspecção carinhosa, resgatando memórias há muito esquecidas, que são acolhidas, trabalhadas e transformadas, dando um novo impulso de autoeducação e cura para a vida que segue. Esse processo acontece com conversas, escrita e trabalho artístico. Nossa biografia é o que temos de mais sagrado e exclusivo: um livro com capa e edição únicas, no qual apenas nós podemos escrever.

Lanço aqui um desafio para você, querido leitor, querida leitora: qual é a sua primeira lembrança de vida e quantos anos você tinha? Pergunte às pessoas próximas e você ouvirá histórias encantadoras, geralmente em torno da mesma idade. Por que será?

Vamos falar sobre a sua vida?

Claudia Lang Werninghaus é ex-aluna da EWRS, assim como seus dois filhos. Trabalha na escola há 17 anos como assistente executiva trilingue dos Conselhos, Núcleo de Direção e Coordenação do Ensino Fundamental e atua como Gestão de Pessoas. É aconselhadora biográfica e psicanalista com extensão em terapia de casais.

Nossa Recreação e a nossa criança do primeiro setênio

Paula Levy, professora da Educação Infantil

ACHADOUROS

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.”

Manoel de Barros, in: “*Meu quintal é maior que o mundo*”

Recentemente ouvi o relato de uma mulher que lembrava com entusiasmo e saudade do canteiro do quintal da sua casa de infância. Era um canteiro de *Beijos*. Sim, aquela flor, chamada *Beijinho*.

Fiquei imaginando que nesse canteiro ela podia brincar, conversar com as flores, procurar tatuzinhos, fazer comidinha para suas bonecas, encontrar minhocas, regar, sonhar com florestas, cavar túneis... Tanto.



Estou na Educação Infantil Waldorf desde os meus 20 anos. E percebo, ao longo de mais de 3 décadas, que muita coisa mudou. Não no desenvolvimento infantil. A criança continua carecendo das mesmas coisas. A antropologia da criança pequena permanece não apenas válida como extremamente esclarecedora para uma profunda compreensão da natureza infantil. No entanto, os adultos passaram a entender menos. Cada vez menos.

Por isso, considero importante trazer aqui algumas reflexões sobre o que é ou pode ser o contraturno da Educação Infantil. Aquilo que chamamos de Recreação – palavra que deriva de “recreio” - e que na verdade é apenas uma expansão de horário de atendimento. Pois tudo no primeiro setênio é recreativo e lúdico. O brincar perpassa tudo. Não é que de manhã ocorre o trabalho escolar “sério” e à tarde é a pausa para o recreio.



O que a nossa recreação da Educação Infantil da EWRS oferece? Oferece aquilo que o poeta das infâncias, Manoel de Barros, aponta em sua sensibilidade ímpar: intimidade.

Em um mundo de superficialidades, proporcionamos a chance da intimidade. Poder se tornar íntimo dos canteiros, das pedras, dos quintais, do espaço e das pessoas.

Em um mundo de entretenimentos, nadamos contra a corrente e proporcionamos segurança, estabilidade, ritmo, simplicidade. Intimidade com o tempo.

Uma criança que passa a tarde em sua casa, com a sua avó ou avô, recebe o que? Afeto, segurança, ritmo e INTIMIDADE. Intimidade é mais uma forma de falar de vínculo. As principais descobertas no processo de

construção da identidade própria não se ancoram em novidades e excitação, mas sim em intimidade. É claro que o vô pode ficar inseguro de estar oferecendo o melhor e o suficiente. E daí, em sua insegurança, acaba ligando a TV... Para "distrair" o neto, que está supostamente entediado. E as telas distraem mesmo. Distraem a gente da gente. Fazem com que não prestemos atenção a nós mesmos, perante a enxurrada de inutilidades que nos são mostradas.



A gente rouba o tempo essencial de nossas crianças. O tempo em que elas podem estar consigo mesmas, em si mesmas, no canteiro do jardim, forjando a identidade própria, descobrindo quem são.

Queremos Oficineiros, que vão mostrar, ensinar, trazer novidades. Porque a nossa sociedade é novidadeira, tem tédiofobia. Queremos mais e mais. Mas o canteiro não é tedioso nunca! Só se estamos cegos para o encantamento que nele está contido. Por isso o convite para que esfreguemos nossos olhos... ainda dá tempo de ver e reencontrar o foco.



Sabemos que parece antiquado não oferecer novidades. Parece que a nossa equipe é pouco criativa. Não contrataram um malabares para as quintas-feiras? Por que não chamam um capoeirista às segundas? Por que não trazem um oficinairo de pipas às quartas? Alguém que faça teatros maravilhosos com marionetes africanas?

*“Cada coisa a seu tempo tem seu tempo...”, disse
Fernando Pessoa.*



A arte de aguardar o tempo certo das coisas, o tempo certo de tirar véus e dar passos, é a arte pedagógica de Rudolf Steiner. Não oferecemos isso tudo porque isso tudo tira a criança do lugar onde deve estar a partir do seu brincar genuíno e autônomo. Oferecemos algo que é mais sutil, delicado, invisível. E extremamente importante.

O mundo é cheio de chamados e apelos. Dentre a multiplicidade de possibilidades, a tarefa do Eu humano, no ser humano adulto, é ponderar. É encontrar a *Recta Ratio Agibilium* – a reta razão aplicada ao agir. Jean Lauand, filósofo brasileiro especialista na obra de Santo Tomás, indica que a virtude da Prudência, a virtude magna, está diretamente vinculada a essa capacidade. Para Tomás, prudência não significava receio, indecisão, cautela ou ir devagar. Significava o oposto, ou seja, a coragem de pôr na balança, pesar, ponderar, tomar decisões e agir. Prudência, enquanto virtude, é a arte de decidir-se corretamente a partir do real conhecimento de uma situação. Essa é, portanto, uma atitude essencialmente micaélica: ponderar, aquecer nossas ponderações com as forças do coração, decidir encontrando a coerência intrínseca em nossa decisão, e efetivamente agir! Carregando a consciência das consequências de nossas escolhas.



Por isso quero contribuir nas ponderações. Nossa comunidade precisa conhecer o fato de que a escolha do estilo da nossa Recreação da Educação Infantil é fruto de ponderações pedagógicas. E não de falta de criatividade ou anacronismos. Sabemos o que existe no mundo. E procuramos saber – afinal, é nosso tema de vida, de estudos e de alma – do que necessita a criança pequena.

Por que uma quebra na vida da criança? Porque a nossa Recreação é mais cara do que outras do bairro, nos dizem alguns. Você lembrou que essa escola é nossa (minha, sua, de todos nós e - principalmente! - das nossas crianças)? As famílias têm voz na Comissão financeira. Você colocou o seu estranhamento para a Coordenadoria de Famílias? Você lutou por uma revisão de valores? Ou você apenas deixou a criança pagar o preço de uma mudança de ambiente?



Com isso, perde-se a chance da continuidade. E é introduzida na vida da criança a fragmentação e o excesso. Qual é o forte do nosso horário expandido? A continuidade de atendimento.

A dona Erika falando para a dona Natália: hoje ele está sensível. Dê um colinho. Ou a dona Natália nos avisando que a criança brincou lindamente à tarde com esse e aquele amiguinho.



Diálogo. Mas isso não é mais um valor para nossa sociedade. Criamos mundos estanques e sem diálogo. Mundos que não se comunicam. É isso que estamos ensinando às crianças. Que a vida é compartimentada, fragmentada. Mas cheia de entretenimentos. Que de manhã é uma coisa, à tarde é outra.



Lembrem-se: criança de primeiro setênio não precisa de entretenimento. Entre o entreTER e o entreSER, indicamos o segundo, entretecendo.

Nossa recreação proporciona espaço e tempo para que as crianças se entresejam.

Não se trata de ir dormir exausto e feliz porque a tarde foi legal pra caramba. Na adolescência a corda arrebenta. Será que aí não está uma das raízes da geração ansiosa? Queremos cada vez mais novidades e, cada vez mais, nada nos preenche...

Nossos quintais, com nossos canteiros de *Beijos*, estão aqui para as nossas crianças. São delas. São da nossa comunidade.

Vamos ocupá-los!

Abraços fraternos.

Jardinagem no 3º ano

Elaine Kuzuhara, Almut M. Lenk, professoras de classe do 3º ano e Mariana Petroni, professora de jardinagem

No 3º ano do ensino fundamental, intensifica-se a integração das crianças com a natureza através do trabalho na terra. O ser humano é um espelhamento da natureza, por isso não há nada mais natural do que encontrar entre os vegetais, animais e minerais um caminho salutar.

A agricultura como aula proporciona à criança que ela consiga desenvolver conhecimentos e habilidades importantes tanto para o seu crescimento e convívio em sociedade, quanto para a sua vida escolar. As práticas e a lida diária com a terra são vivências de um trabalho primordial onde os cuidados respeitosos com o preparo, plantio e colheita oferecem às crianças caminhos para uma “transformação” a partir da terra.



E para que tudo isso se materializasse, as crianças e famílias dos 3ºs anos A e B trabalharam com esmero num sábado de fevereiro para a preparação do terreno!



A professora Mariana orquestrou as frentes de trabalhos. Todos de mangas arregaçadas, ferramentas em mãos e muita disposição, rapidamente transformaram o matagal em belos canteiros. O suor escorria, mas sobrava alegria!

Daí em diante, os alunos tiveram o momento especial de “jardinagem” integrado à rotina de aulas. Além de rabanete, milho, alface, em especial cultivaram linhaça, aveia e trigo. Acompanharam todo o processo do grão ao pão com veneração, o que ressignificou para eles o uso de suas mãos. Grãos que recolhem a luz divina e a transformam em alimento sagrado, o nosso pão, deixando na alma fermento para a vida.



O Sol como grande imagem no quinto ano escolar

Kátia Machado, professora de classe do 5ºC

No quinto ano, a criança já vivenciou a ruptura da percepção una com o ambiente e, embora reativa às surpresas, também se deparou com um movimento de simpatia pelo entorno. Já tendo exercitado tal movimento, ela sutilmente se volta para si. Surge um interesse pelo conhecimento não mais pautado na curiosidade, mas em busca de uma compreensão aprofundada daquilo que encontra.

O entusiasmo na relação com o outro é um reflexo do movimento próprio em direção a internalização mais consistente do que se mostra do mundo. Para desespero de mães e pais, surgem muitas perguntas e elas precisam ser acolhidas. O Currículo Waldorf favorece a adaptação das crianças de 11 anos a esse momento antropológico ao nutri-las animicamente com narrativas que refazem um longo percurso de desenvolvimento da alma humana e que é espelhado nessa idade.

Tais narrativas partem do ambiente de Atlântida, onde o Sol não brilha, onde há somente névoa e os fluxos de crescimento se desenvolvem pelo desejo humano, um poder conveniente que acaba criando hierarquia e, conseqüente, subjugamento. É o momento do desenvolvimento da alma em que não há separação entre céu e terra, sendo a vida uma pulsação levada pela vontade. A imagem desse ambiente turvo revela a ausência de consciência.

Ela desponta no sábio Manu que recebe a misteriosa incumbência de levar os sobreviventes do naufrágio de Atlântida para a Índia.



Estamos na Antiga Índia, onde pela primeira vez, os humanos veem o céu azul e o arco-íris, só possível pelo espectro da luz solar, embora ela não seja mencionada. Pela primeira vez o céu é visto, portanto a separação ocorre, há o plano terreno e os poderes extraordinários exercidos no campo etérico se perdem. As deidades assumem a mediação com o reino celeste. O poderoso Rama, encarnação de Vishnu, derrota o demônio Ravana com suas flechas que se transformam em raios do Sol. Nesse tempo, voltar para o céu é a meta dos humanos. Superando duras penas, o rei Yudishtira, que nunca cometeu nenhuma falha, leva sua família montanha acima e, sem morrer, alcança o portal do paraíso, descrito como a morada iluminada dos deuses.

As almas perdidas dos filhos do ambicioso Rei Sangara só são salvas muitas gerações depois, quando o rei Baghira, depois de uma vida de severos sacrifícios, é agraciado por Brahma com a devolução do Rio Ganges para a terra, no qual coloca as cinzas dos seus antepassados que, finalmente, habitarão a morada dos deuses juntamente com ele.

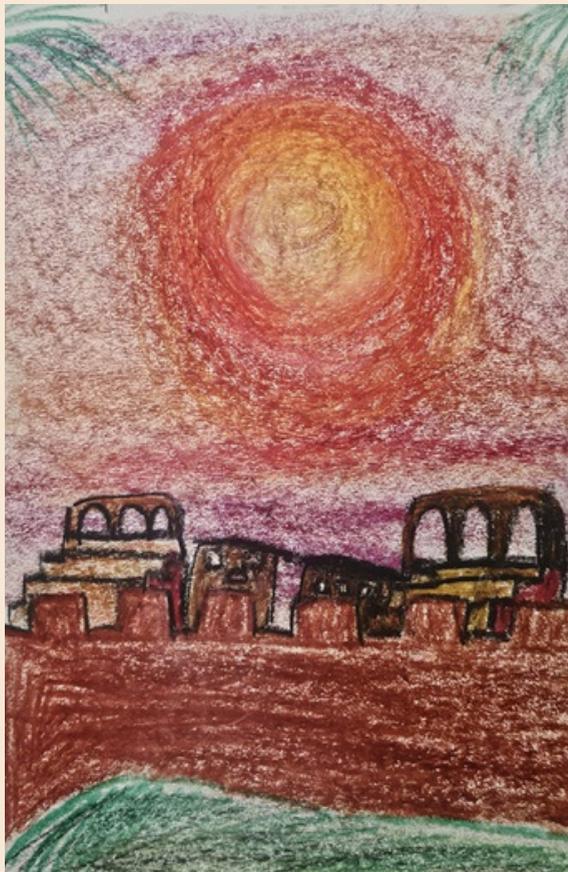
Na Pérsia, o Sol começa a ser observado e seus ciclos compreendidos, inclusive porque sobreviver na terra é uma premissa, já que o céu está distante e inalcançável. Os persas acreditavam que na primavera o Sol era obra do Deus da Luz, Ahura Mazdao. Ele está sempre em luta contra as forças das trevas regidas por Árimã, que tenta, a qualquer custo, contrapor a sua boa obra.



Sabemos que aqui surge o maniqueísmo, da relação dessas duas forças antagônicas, sendo Árimã o perpetuador da desumanização. Ahura Mazdao envia Zaratustra como mensageiro do Reino da Luz com a missão de ensinar bons pensamentos, boas palavras e boas ações para as pessoas, assim elas fortaleceriam sua humanidade.

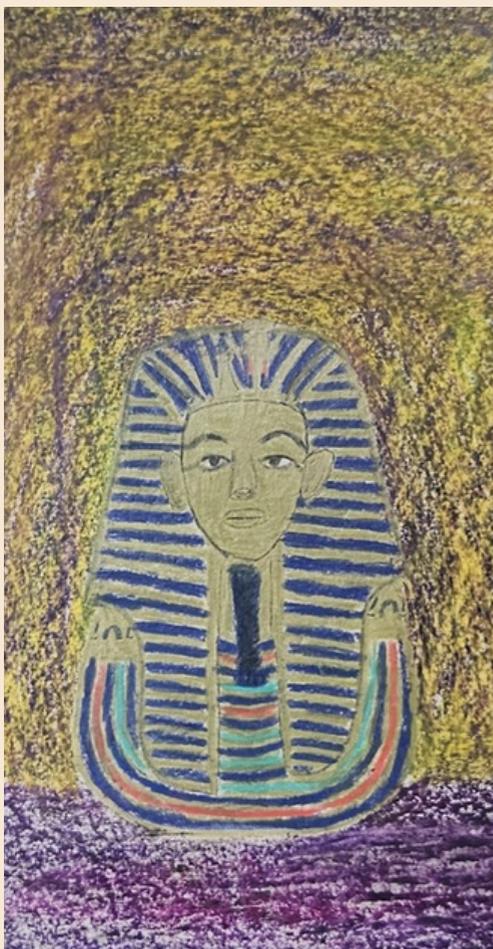
Na Babilônia, EA, o Deus da Sabedoria tem sua vestimenta feita com os raios solares e é, também, conhecido como Deus da Aurora. EA ensinou aos seres humanos como arar a terra e fazer tijolos com barro e, assim, foi possível criar as cerâmicas que embelezaram os portões da magnífica cidade e desenvolver a escrita cuneiforme. Os Babilônios exploram os ciclos dos astros e fazem monumentos orientados pelos movimentos do Sol. Foi ali que nasceu Gilgamesh, filho do Sol e de uma princesa aprisionada. Aqui podemos imaginar a alma sendo concebida pela força solar. Gilgamesh, um mítico herói, busca a vida eterna, mas compreende que essa se configura daquilo que realiza no plano terreno e resolve ser um bom rei para seu povo que passa a amá-lo, imortalizando-o.

No Egito de muitos deuses, o soberano é Rá, o Deus Sol, regente do sol do meio-dia. Ele criou o Rio Nilo ao deitar seu braço sobre a terra, sendo o Delta do Nilo a marca de sua mão aberta. Rá envia os deuses Ísis e Osíris com a missão de ensinar aos seres humanos tudo o que precisam aprender para viverem na terra. Osíris ensina como fazer papel com o papiro ou junco, tinta com cinzas e a escrita com imagens, os hieróglifos, uma herança valiosa. Hórus, filho de Ísis e Osíris,



vence Set, seu destrutivo tio, regente das trevas, e se torna rei do Egito, o primeiro faraó. Depois de sua morte passa a ser o regente do nascer e do pôr do sol. Daí temos os termos “horizonte” e “horas” como legado egípcio. Esses quatro deuses viveram na terra, então depois da morte de Hórus, os reis eram considerados o deus na terra, regidos por Rá, e suas palavras eram ordens divinas. Com essa autoridade foram possíveis as construções das imensas pirâmides, monumentos para os ensinamentos dos sacerdotes e sepultamento dos faraós. As pirâmides são feitas de forma que possam refletir a luz solar, portanto orientadas pela posição do Sol. O desejo de continuar vivo, no plano terreno, é tanto que os corpos são preservados e a atuação do ser humano na terra é marcante e duradoura, perdurando em ruínas.

Até aqui temos uma saga humana de apreensão do plano terreno, mas também empenho em compreender ou acessar o mundo espiritual, “deixado para trás”. É na relação com a morte que isso se revela, sendo impossível não sentir certa perturbação ou desespero ao ver um corpo outrora mumificado aguardando o “despertar para a vida.” Essa vida pulsa na Grécia onde o Sol brilha e, além da costa privilegiada, o atraente Mar Mediterrâneo convida para a ocupação. A geografia grega é resultado da batalha descomunal entre deuses e titãs que fragmentaram a terra com suas violentas investidas. Depois de tanto tempo, os deuses têm características e atitudes humanas.

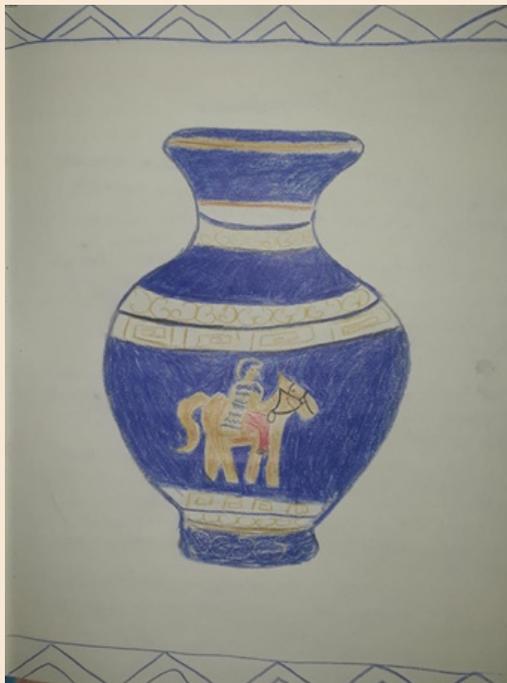


A partir desta época é o humano que rege. O Oráculo de Delfos, construído no templo dedicado a Apolo, Deus do Sol, é consultado por todos, inclusive deuses, mas a mediação é feita pelos humanos. As sacerdotisas ou pitonisas ouvem as profecias e os sacerdotes as interpretam.



O ideal da sabedoria se manifesta, a princípio, na atuação dos três grandes filósofos gregos, Sócrates, Platão e Aristóteles, a quem se credita a construção do pensamento. O ser humano passa a observar, desvendar o mundo categorizando-o, cientificamente. A arte explora a beleza e nos objetos funcionais fica o registro de hábitos e eventos. O céu é investigado e torna-se regente do ponto de vista científico com a astronomia. O ser humano é o centro e o pensar começa a ser estruturado e racionalizado. A alma alcança o intelectualismo e a força humana é supervalorizada na palavra.

O jovem e vigoroso príncipe Alexandre, aluno de Aristóteles, é impelido à conquista e é aquele que retorna. Sim, pensando nas conquistas humanas desde Atlântida, Alexandre faz o caminho de volta triunfando sobre o Império Persa e o Egito, onde é aclamado faraó. Foram apenas dez anos, e nesse curto espaço de tempo há a mescla da cultura ocidental com a oriental, da qual muita coisa foi arquivada por alguns séculos na Biblioteca de Alexandria,



até sua destruição. Alexandre, o Grande, com toda sagacidade e retórica, se dobra ao desejo de seu exército e cessa suas conquistas na Índia, deixando seu legado para o “mais digno”. Aqui se inaugura a linha temporal da história.

Aliás, a pergunta sobre quando aprenderão isso ou aquilo é recorrente e cada vez que ouvem: “Isso estudaremos no sexto ano.” Dizem: “Nossa, aprenderemos tudo no sexto ano. Quero que chegue logo!”

Acredito que alguns leitores devam estar inquietos pela abordagem euroasiática, mas estamos falando de uma movimentação humana de intenso fluxo que marcou um longo período. São conhecimentos que podemos acessar pelos mitos, escritos históricos e achados arqueológicos. Em nosso país esses achados são escassos e não há escritos referentes ao período histórico abordado.

No entanto, tateamos esse conteúdo estudando os hábitos e mitos dos povos originários com seu profundo conhecimento dos movimentos da natureza, onde o sol, Quaraci, aparece também como o grande criador. É em nossas origens brasileiras que podemos perceber o profundo conhecimento e consciência humana de respeito à terra, de tudo que ela oferece e representa para nossa existência, assim como a devoção e dedicação necessárias para preservá-la.



No fechamento do primeiro ciclo do fundamental, as crianças saem dos contos de fada, passam pelas polaridades bem e mal, céu e terra, caem do paraíso, descortinam a janela para o mundo e tateiam a objetividade do pensar. O quinto ano é um abrir e educar os olhos, é ensinar a ver. São muitas perguntas e, por vezes, profundas e filosóficas, sendo um ambiente fértil para abordagens despertadoras das virtudes humanas.

UM NOVO ROTEIRO: CRISTALINA

Helena Würker , professora de classe do 6ºA

Desenvolver um roteiro requer um novo olhar para o mundo. Inspirada pelos estudantes atuais e com um olhar para a vastidão do nosso país, uma nova proposta foi elaborada.

No sexto ano escolar, idade de 11/12 anos, os estudantes fazem várias conquistas e, uma delas, é a conquista do horizonte. Terra e céu são estudados, nas épocas de Mineralogia e Astronomia. Entre eles, estamos nós, seres humanos. Imaginem um lugar onde o horizonte é visto em 360°, num grande encontro entre céu e terra e nada atrapalha a visão desse encontro. No sexto ano estudamos Mineralogia?





Vamos à maior reserva de cristais do mundo, que fica aqui mesmo, em Cristalina, GO! Estudamos Astronomia? Pois o céu de Goiás é tão extenso que parece abraçar a terra! Com essas duas ideias na cabeça, o roteiro foi visitado, elaborado, visto e revisto, numa trama delicada, composta com fios invisíveis que nos orientam.



Crystalina

Lara

Nós compramos, lapidamos
& no final sorvete tomamos.

Vimos as estrelas
Que eram uma beleza.

Fomos em Goiás
Que tinha ótimo pão de queijo,
Os únicos que competem
Com os dos mineiros.

As estrelas eram grandes,
Os mosquitos também,
As picadas mais ainda,
Mas está tudo bem.



CRISTALINA

Em uma trilha inteira andamos sem cansar
e de pouco a pouco vemos o dia passar
e a noite aparecer,
foi no dia seguinte uma nova aventura
percorrer

Nossa obra sempre atenta à bela paisagem
e nossa vida aberta à aprendizagem.

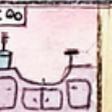
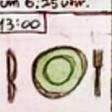
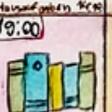
Em Catalina tem um céu muito estrelado
tendo admiração como resultado

Em Catalina no céu brilham as estrelas
e na terra brilham os cristais
São presentes de Deus de épocas imemórias

Aprendemos a grimpar e lapidar
depois, em uma cachoeira, nos banhar

Sofia R

mein Tagesablauf

5:45  Ich erwache um 5:45.	5:50  Ich stehe um 5:50 Uhr auf.	5:55  Ich mache das Bett um 5:55 Uhr.	6:00  Ich putze meine Zähne um 6:00 Uhr.	6:15  Ich mache skin care um 6:15 Uhr.
6:25  Ich schminke mich um 6:25 Uhr.	7:00  Ich frühstücke um 7:00 Uhr.	7:05  Ich gehe um 7:05 Uhr zur Schule.	7:30  Der Unterricht beginnt um 7:30 Uhr.	7:35  Ich werde um 7:35 Uhr wieder zu Hause sein.
13:00  Ich esse zu Mittag um 13:00 Uhr.	14:10  Ich mache meine Hausaufgaben.	15:00  Ich habe um 15:00 Uhr Freizeit.	16:00  Ich habe danach Unterricht um 16:30.	16:30  Ich habe um 16:30 Freizeit.
17:30  Ich habe um 17:30 Freizeit.	19:00  Ich lese um 19:00 Uhr.	20:00  Ich höre Musik um 20:00 Uhr.	20:45  Ich dusche um 20:45 Uhr.	21:20  Ich mache skin care um 21:20 Uhr.
21:24  Ich tanze um 21:24 Uhr.	21:44  Ich schreibe um 21:44 Uhr.	22:00  Ich sehe um 22:00 Uhr fern.	22:30  Ich trinke Wasser um 22:30.	22:50  Ich schlafe um 22:50 Uhr.

Beatriz★



7:4

Os registros no caderno fixam os conteúdos e as lições contribuem para a ativação da memória e são os elementos para a composição dos projetos.

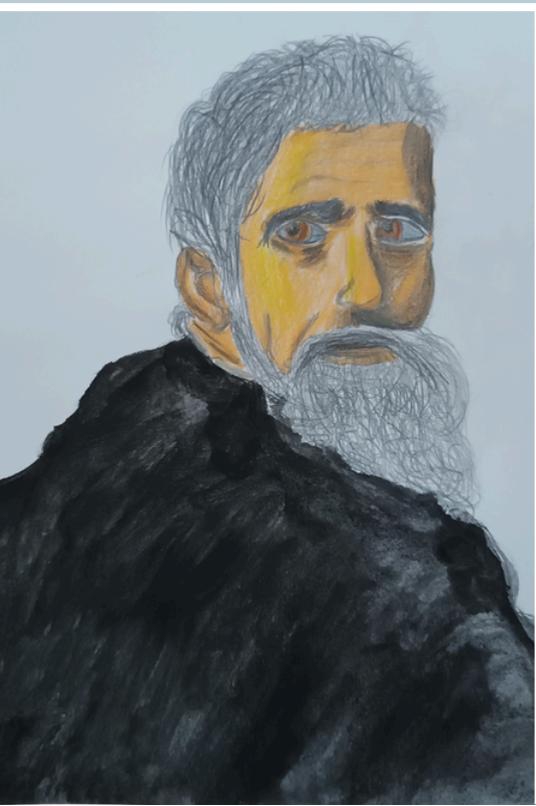


Esses trabalhos do sexto ano são diversos. O primeiro projeto é chamado über mich (sobre mim), com ativação de diversos conteúdos do ensino fundamental e produção de um texto ilustrado. O segundo projeto é um mapa escolar, com os lugares, atividades e materiais utilizados em cada espaço da escola. Os dois projetos seguintes incluem a preparação de uma exposição de arte, em que pinturas sobre casas são descritas e apresentadas, além de um pequeno projeto de uma casa. Esse espaço será o cenário de uma pequena história em quadrinhos sobre o cotidiano de um personagem imaginário, trabalho maior que compõe o quinto projeto do ano. Dessa farta produção, mostramos acima alguns registros.

Época de História no 7º ano

Ana Lúcia de Souza Franzeri, professora de classe do 7ºA

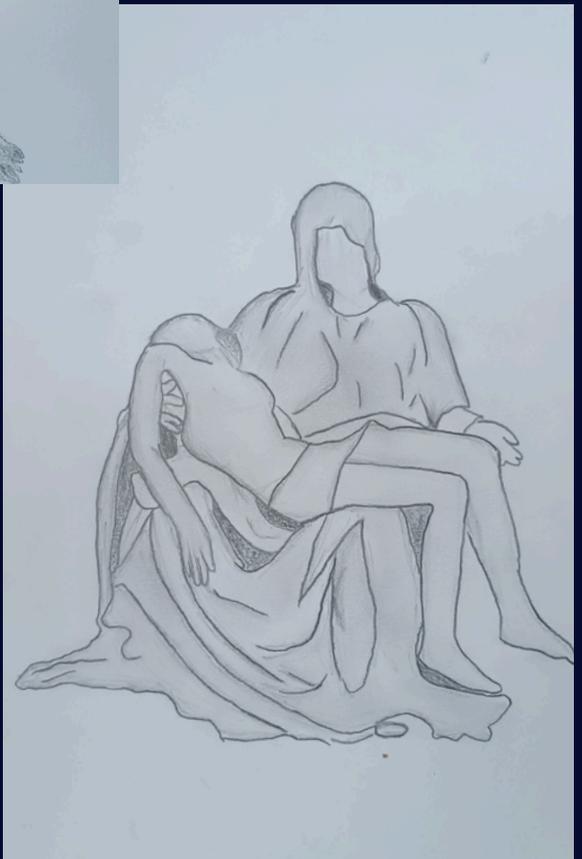
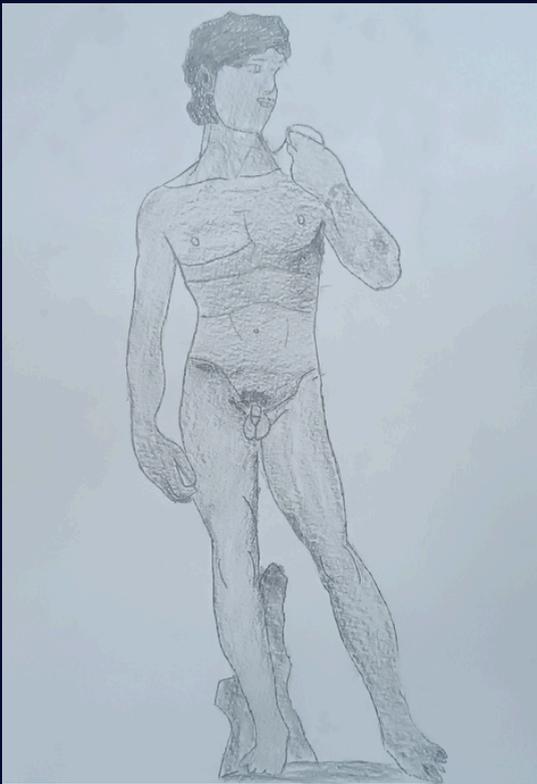
O 7º ano A iniciou a segunda época de história conhecendo "O Cavaleiro da Dinamarca", personagem da obra de Sophia de Mello Breyner Andresen. Ela narra as aventuras e desventuras do fiel e audacioso cavaleiro que partiu em peregrinação à Terra Santa. Na sua viagem conhece Florença, local onde ouviu as histórias de Cimabue, Giotto, entre outros. Era o berço da Renascença, a entrada ao Renascimento.



Alunas e alunos ouviram as narrativas das biografias de Leonardo da Vinci, Michelangelo Buonarroti e Rafael Sanzio. As suas realizações conquistadas a partir do próprio esforço, as quais superaram seus limites e conseguiram conquistar uma nova perspectiva sobre o mundo.

Na nossa classe, os Jovens Aprendizes, em duplas, trabalharam com empenho e dedicação, retrataram os primorosos trabalhos aqui expostos.

Parabéns aos talentosos Jovens
Aprendizes do 7º A!



TCC: muito além de um trabalho

Alessandra Bonazza, professora de redação do Ensino Médio

Chegar ao topo de uma imensa torre. Observar os 360 graus. Descobrir verdades. Compreender qualidades a partir da observação, do sentir e dos fatos. Criar conexões. Agir produzindo ideias. Confrontar-se com a questão do futuro. Essas são algumas das importantes conquistas que um jovem, em sua vivência no 12º ano, adquire. Assim, um trabalho de conclusão de curso (TCC), além de impulsionar outras conquistas e, muitas vezes, trazer respostas para perguntas que os jovens carregam através do Ensino Médio, encontra-se no momento ideal de sua execução.



Na EWRS, os jovens do 12ºano desenvolvem um TCC como forma de “coroamento” de seu caminho pelo Ensino Médio. Não é uma tarefa fácil, no entanto eles são plenamente capazes de chegar a um resultado profícuo, de colocar em prática todo o conhecimento adquirido ao longo de sua jornada escolar, de se aprofundar em um assunto de sua escolha, pensando em questões pessoais, em áreas de interesse ou mesmo em temas relevantes para a sociedade.

Executam um projeto (com objetivos, justificativa, problemática e metodologia), escrevem uma carta de solicitação de um docente orientador para acompanhar o processo e iniciam suas pesquisas.

Portanto, acreditamos que essa seja uma etapa muito significativa para a composição do desenvolvimento acadêmico.



Ao fazer um TCC, o estudante aprende a refinar a pesquisa, buscando por fontes fidedignas, além de desenvolver senso crítico ante as informações encontradas, bem como interpretação, análise e relação entre elas. Aprende também os gêneros científicos disponíveis para a apresentação de suas ideias, como monografia, estudo de caso, projeto experimental ou prático, acompanhado de relatório científico, ou seja, uma estrutura organizada, objetiva e ordenada de trabalho, realizado de acordo com o método científico, com linguagem apropriada e em consonância com algumas normas técnicas.

Outro ponto relevante é a relação do estudante com seu/sua orientador/a: pautada por confiança, respeito e admiração mútuos, já que é um “caminhar juntos”, com muitas conversas, trocas, dúvidas, correções e sugestões ao longo do acompanhamento do trabalho, permitindo proximidade e desen-



voltura, lidando com prazos, exigências, autogestão de tempo e de atividades. Ainda acontece a apresentação oral, momento em que esse jovem tem a possibilidade de expor, em público, seus “achados”, divulgando sua produção.

Ao final do processo, a sensação de missão cumprida, com a soma dos esforços concretizada e registrada no trabalho cuidadosamente encadernado e com a apreciação escrita (carta) do docente avaliador em mãos!

Depoimento de alunos

Fazer o TCC na escola significou tanto para mim. Foi disciplina, perseverança, empenho, dedicação, descoberta não apenas dentro do meu foco de pesquisa escolhido, mas também de mim mesma. Foi uma experiência de conhecimento profunda onde aprendi, não apenas como me colocar e me elaborar no mundo acadêmico, mas principalmente uma jornada de autoconhecimento na qual descobri o brio dentro de mim e as profundezas e a beleza da curiosidade.

Johanna Righini Gyrfas - formada em 2014

O TCC do 12º ano suscitou em mim cultivar algo de meu interesse. O tema foi a semente de tudo o que viria depois. Aquele momento inicial de escolher a semente é de grande aprendizado, minha vontade foi de plantar tudo de uma só vez. No processo, percebi que plantar uma semente foi cultivar o mundo em meu processo de aprendizado.

Hoje reconheço que, no último ano do ensino médio, aprendeu-se sobretudo sobre o cultivo da própria voz.

Apresentar o TCC é um convite para si e sua comunidade, para adentrar em um jardim interno, e perceber junto com todos a força vital do EU na voz e na vontade de se trabalhar em si o mundo.

Lucas José Cantoni

Escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no 12º ou 3º do médio, para mim foi excelente, pois me deu um preparo para enfrentar os desafios da vida universitária, e me ensinou a correr atrás das coisas que realmente quero, sozinho, sem depender dos outros e me provou que eu posso alcançar meus objetivos com esforço e dedicação; no final, apresentá-lo é gratificante.

Victor Formigoni – formado em 2022

Há quase oito anos, perto de me formar do Ensino Médio da EWRS, tive que passar por uma das mais temidas tarefas dos alunos Waldorfs da Steiner: o TCC. O primeiro desafio foi a escolha do tema, que uma vez decidido, trouxe outra: quem será o(a) orientador(a). Na época, tomei a decisão de elaborar um TCC na área de Humanas, uma área diferente da minha formação profissional (que mesmo naquela época, já sabia que seria outra). Essa escolha foi um grande passo fora da minha zona de conforto, mas também foi a melhor escolha que eu poderia ter feito, afinal, tive a oportunidade de estudar um tema que agrega muito na minha visão de mundo, mas ao qual não fui (e nem teria sido) exposto, no mesmo nível de profundidade, em outro momento.

Hoje em dia, ao "olhar para trás", percebo que o texto está muito aquém do que parecia na época, mas curiosamente não me vem um sentimento de vergonha ou falta de capacidade, me vem um certo orgulho de ter me desafiado, um orgulho de todo o processo, pois simbolizou o fim de um importante ciclo na minha vida, que inclusive me direcionou, mesmo que parcialmente, para onde estou hoje.

Apesar de toda a dificuldade envolvida durante a sua construção, o TCC é o primeiro trabalho em que o aluno, individualmente (no máximo com sugestões de professores), toma as principais decisões: o tema, o orientador, quais fontes citar, o que incluir na versão final do texto e da apresentação, etc. Embora pareça pouco, o conjunto dessas decisões faz com que cada TCC seja único e autêntico, ou em outras palavras, "tenha a cara" do seu autor. Na minha opinião, o aspecto mais significativo de todo esse processo é, indubitavelmente, a introdução (realizada por meio das apresentações oral e escrita) de quem cada um é (e está se tornando), aos amigos, colegas, professores e familiares.

Augusto Kira Pedroso de Lima – formado em 2016

Muitas vezes os alunos são céticos sobre aquele papo de professor de que “isso ainda vai ser muito importante pra sua vida”. No meu caso, felizmente, os professores estavam certos.

Lembro quando meu querido professor de filosofia (Chris) me deu uma cópia de um texto do Bauman – 44 cartas do mundo moderno líquido – que foi a base para começar a pesquisar o meu TCC. Depois todo o trabalho e ajuda que recebi da minha orientadora, querida professora de inglês (também Cris) e da minha alegria em terminar e apresentar o TCC.

O TCC foi a porta de entrada para a pesquisa acadêmica, eu lembro que me dediquei muito a leituras e na estruturação do texto. Ao longo da faculdade, como pesquisador e em produções acadêmicas, muito do que fiz, fiz melhor, pois já tinha passado pela experiência do TCC. Lembro de sentir isso principalmente no começo da faculdade, uma sensação familiar em produzir textos acadêmicos. Claro que depois o tempo vai passando e o TCC vira uma memória distante...

...proveitei e abri meu TCC para dar uma olhada. Fiquei feliz em rever coisas que eu me esquecera. Talvez recados escritos por um Bruno do passado, menos preocupado com a “correria” do mundo corporativo. Até me emocionei lendo: “[...] não é tarde para levantarmos o olhar, percebermos as pessoas ao nosso redor e sentirmos nossa presença no mundo real; para que, desse modo, nunca nos esqueçamos da importância, da beleza e da tenuidade, que existem no contato humano”. Legal, Bruno, que você nunca se esqueça disso!

Bruno Bicego - formado em 2017

Orquestra e Camerata EWRS

Haggeo Mora, regente e violinista, professor de música do Ensino Fundamental

As atividades desenvolvidas pelas escolas Waldorf em todo o mundo têm em comum, dentre outras características, a preocupação com o aspecto social dos projetos que abraça. Assim, grande importância é atribuída ao ensino da Música na formação e no desenvolvimento do indivíduo. Por estas razões, há 57 anos, por iniciativa dos professores e das professoras de Música e com o apoio de pais, mães, alunos e alunas, foi fundada a *Orquestra Waldorf Rudolf Steiner*, em 1967. Seus integrantes, desde o 1º ano escolar, recebem aulas de música, flauta doce, canto, além de uma vivência com diversos instrumentos de percussão.



No terceiro ano, os alunos e alunas vivenciam os instrumentos de cordas friccionadas, também chamados de instrumentos de arco. Como complementação de sua formação escolar, são incentivados a escolher e praticar um instrumento musical, e é na Orquestra que encontram a possibilidade de uma vivência musical coletiva. Durante os anos do Ensino Fundamental, os estudantes são incentivados a estudar instrumentos musicais com professores particulares paralelamente às aulas de música.



Dos 10 aos 12 anos de idade, o jovem começa a trilhar o caminho da abstração e síntese do mundo pelo pensamento, interiorizando a vivência dos seus sentimentos, talentos e dons. É no final desta época que ele ingressa na orquestra, no sexto ano. Ao estudar um instrumento, tem a oportunidade de desenvolver toda sua capacidade criativa, expressar seu temperamento e sua personalidade na maneira de tocar, exercitando sua vontade e alimentando e enriquecendo sua vida afetiva por meio da música. A orquestra representa uma confluência dessas forças, elevando-se do nível criativo para o criativo espiritual do ser humano. A idade de seus integrantes vai dos 12 até os 18 anos.

Em 1990, foi criada a “*Orquestra do Ensino Médio*” como uma proposta de formar um grupo menor com maiores desafios do que a Orquestra Waldorf Rudolf Steiner.



No ano de 2014, seu nome passou a ser “*Camerata da Escola*”. Esta agrupação abre possibilidades de aprimoramento para todos os estudantes interessados em novos desafios. Tanto alunos e alunas do Ensino Médio como do Ensino Fundamental constituem esta formação. Suas idades vão dos 14 até os 18 anos.

Ambas, Orquestra e Camerata, existem como iniciativa educativa que com um impulso cultural e artístico, buscam a prática social a partir da Música. Essa iniciativa figura-se como complemento do currículo escolar do Ensino Fundamental e Ensino Médio e como integração com a comunidade, estando aberta, portanto, à participação de ex-alunos, pais e professores. Todo ano, ambas se apresentam e participam do *Encontro de Orquestras Waldorf*, sediado pela escola e impulsionado e organizado pelos professores e pelas professoras de música da escola.

Fique ligado! _____

Quer ouvir música boa, tanto clássicas como atuais? Venha prestigiar alunos e alunas de escolas Waldorf, de todo o estado de São Paulo e Minas Gerais, no próximo encontro de orquestras que acontecerá no dia 29 de novembro, das 16h às 19h, no teatro Ruth Sales.

Na trilha das águas

Helena Würker , Kátia Machado e Juliana Baitz

O projeto pedagógico Na Trilha das Águas foi uma experiência vivenciada sobre o estudo da geografia em épocas do quarto ano escolar, em 2022 e 2023, projeto pedagógico que mapeou as nascentes que compõem as três microbacias hidrográficas do bairro Alto da Boa Vista, São Paulo, SP.



A busca de lançar uma mirada investigativa para o trabalho desenvolvido em aulas é de grande valor, indicando potencial inspirativo para educadores com base nos fundamentos epistemológicos da pedagogia antroposófica.

O trajeto, feito totalmente a pé, somou aproximadamente 25 quilômetros e possibilitou que as nascentes das três bacias hidrográficas fossem conhecidas, embora parte delas sejam, atualmente, subterrâneas. Ao percorrerem o curso de um córrego canalizado e encontrá-lo à frente, dentro dos limites do parque e com peixes nadando em águas cristalinas, sedimentou nas crianças a certeza da existência da nascente descrita, embora não vista.



No Ensino Médio, os jovens revivem o estudo das bacias hidrográficas, analisando os impactos da urbanização e as mudanças climáticas, bem como estudam e propõem alternativas para cidades resilientes.

A partir daí já participamos por três vezes em atividades no Parque Severo Gomes e Parque do Cordeiro, pintando o asfalto que cobre os córregos, no intuito de um dia podermos renaturalizar os rios, destampá-los e arborizar o local. É o trabalho em comunidade sendo capaz de idealizar e promover um futuro melhor.



StMUN: ONU dentro da escola

Luiza Genta, aluna do 12ºano

O *Steiner Model United Nations* (StMUN) foi criado em 2019 por três alunos que participaram do Fórum FAAP, uma simulação da Organização das Nações Unidas (ONU).

Ao voltarem da simulação com muita vontade de criar algo parecido dentro de nossa escola, estes três alunos formaram o Secretariado de 2019 que, entre conversas e reuniões, organizou o primeiro StMUN.



A ajuda de alguns professores foi fundamental para que este evento pudesse ocorrer. Os alunos se engajaram e a simulação foi um sucesso. Em 2020, mesmo com a pandemia, o StMUN aconteceu de forma online. O secretariado foi sendo passado para alunos mais novos que continuaram organizando este evento que hoje virou uma atividade curricular muito esperada entre os alunos.

Este ano, de forma inusitada, o secretariado obteve novos integrantes para que esta atividade tão esperada não acabe depois dessa edição.

Desde 2022, a escola tem nos ajudado com as compras de canetas e bloquinhos para este evento. Este ano, graças a nossa querida professora Andressa, que sempre acreditou no poder da simulação e sem ela este evento não seria possível, este ano tivemos, além das canetas e bloquinhos, uma sacolinha e um broche com o logo do StMUN.



O StMUN é um evento organizado durante todo ano pelo Secretariado com ajuda de professores para que o evento seja realizado. Ele tem o intuito de criar um espaço no qual o ensino médio possa debater temas variados sobre a atualidade. Os alunos são estimulados a se prepararem para os três dias de simulação para que possam chegar ao evento bem-preparados e prontos para produtivos debates. Precisam se aprofundar sobre o assunto de seu comitê e o posicionamento de sua delegação. Muitas vezes, os alunos se deparam com o desafio de defender um ponto de vista, coisa qual pessoalmente não concordam, o que os leva a colocarem no lugar de outros e entenderem diversos lados de uma situação de forma que possam até formar sua própria opinião sobre questões mundiais impostas pela sociedade.

A simulação também tem um espaço para aqueles que preferem escrever e tirar fotos sobre o debate, a Imprensa, espaço onde ao final de cada dia elaboram um jornal sobre o que foi debatido no dia.

No decorrer dos três dias de simulação, os alunos têm o dever de chegar a uma proposta de resolução sobre o tema abordado em cada comitê. Na cerimônia de encerramento, cada mesa diretora (alunos que moderam o debate) premia os delegados que mais se destacaram durante o evento.



Este ano o StMUN aconteceu em outubro e tivemos o prazer de realizar a *V Edição do StMUN*. Tivemos seis comitês discutindo diversos assuntos, desde o Financiamento de Organizações Terroristas falando sobre países que já financiaram algum ataque terrorista, até o Comitê de Segurança das Nações Unidas (CSNU) no qual se discutiu a Guerra do Iraque.

O secretariado ficou muito feliz com mais uma edição, pois todos aproveitaram muito essa grande oportunidade!

O evento foi um sucesso! A partir do aprendizado nestes últimos anos, esperamos que a próxima edição seja ainda melhor!

Parabéns a toda comunidade e agradecemos por todo suporte!

Uma pandemia silenciosa.

Helena Campos e Larissa Ventriglia

Uma escola sem celulares. Um aprendizado longe de dispositivos, que proporciona maior foco dos estudantes no ‘agora’ e, principalmente, resgata a socialização entre os jovens. Seria uma loucura?

Depois da pandemia, os jovens ficaram ainda mais dependentes dos smartphones. Trocaram as interações durante o período letivo por conversas e jogos online, atrapalhando o desempenho em sala de aula e as pausas tornaram-se silenciosas.

A campanha “viva o mundo real”, lançada no início de 2024, foi criada pela

Comissão de Comunicação e Divulgação da EWRS com o intuito de conscientizar jovens e responsáveis sobre os malefícios que as telas trazem.

Nossa escola, livre de telas.

Em agosto desse ano, foram distribuídos estojos que mantêm os celulares “isolados” durante o tempo de aulas.

Como funciona? E o que os jovens têm a dizer sobre essa mudança? Confira no QR code abaixo!



Um fórum para discutir o assunto!

Levamos a discussão além em setembro de 2024, com o fórum “Uso de celular na escola, uma abordagem saudável”.

O evento, patrocinado pela escola em parceria com a School Advisor, contou com duas mesas redondas e uma palestra, dada pelo pediatra Daniel Becker. Com mais de 1 milhão de seguidores no instagram, Becker, o “ativista pela infância” e colunista do O’Globo, compareceu à escola para compartilhar suas pesquisas sobre as problemáticas da exposição às telas na infância.

Uma manhã de trocas

A mesa redonda que abriu o evento foi mediada pela jornalista Ivana Moreira, fundadora da plataforma Canguru News, e contou

com pais e mães expondo seus pontos de vista sobre os celulares na vida cotidiana de um jovem, fora das escolas.

Guiada por Fernanda Tavolaro (School Advisor), a próxima mesa propôs discutir as problemáticas de um ensino rodeado pelas telas. Os convidados Selma Moura, representando a St. Nicholas School, Devis Pothin correspondente da escola Pueri Domus e Barbara Jimenez, professora de História da nossa escola, mergulharam no tema e debateram possíveis soluções.

A palestra de Daniel Becker trouxe dados de pesquisas que comprovam os malefícios das telas para crianças e jovens.

Por que o “brincar livre” é importante? Como o uso do celular pode afetar o cognitivo de uma criança? Qual a idade ideal para obter

um smartphone para meu filho ou filha? Por que as redes sociais influenciam na taxa de ansiedade e depressão entre os jovens?

Essas foram algumas das perguntas respondidas pelo especialista.

Se não pôde estar conosco no dia 28 de setembro, convidamos você para acessar nosso canal no YouTube e assistir aos melhores momentos desse encontro inédito entre especialistas da educação e famílias em prol de uma infância e juventude saudáveis:

Com vocês, o especialista. PodSTEINER?

O Dr. Daniel Becker topou participar de um episódio do podcast da nossa escola.

Entrevistado pelas professoras Fernanda Fontes

(docente de artes do Ensino Médio e tutora do atual 9º ano B) e Bárbara Jimenez (docente de História do Ensino Médio e tutora atual do 11ºA), falaram sobre os dados assustadores de pesquisas feitas na última década que apontam para o uso indiscriminado das telas como o verdadeiro vilão da saúde socioemocional das crianças e jovens dessa geração.

Mas que a tela não deve ser permitida antes dos 14 anos, a gente já sabia, certo Steiner?

Assista ao episódio no subcanal do YouTube, o PodSteiner:



Quem disse que aluno Waldorf só pode ser artista?

Helena Aguiar de Campos, ex-aluna e estudante de jornalismo

No dia 23 de agosto, Rebeca Gonçalves, a ex-aluna, astrobióloga, funcionária da NASA e especialista em cultura espacial, concordou em comparecer à nossa escola para contar um pouco da sua trajetória de vida. A cientista virou notícia após desenvolver um método extraordinário de agricultura espacial.

Depois de deixar a Escola Waldorf Rudolf Steiner, Rebeca cursou biologia na Universidade de Bristol e realizou um mestrado em astrobiologia na faculdade holandesa, Wageningen. Atualmente ela trabalha na agência espacial brasileira ESA, como consultora astrobióloga para projetos em agricultura espacial.

Rebeca relembra e explica o porquê de sua paixão pela astronomia e pela biologia. “Eu sempre cresci com um fascínio pelo espaço, quando eu era pequenininha eu tinha um tio que era astrônomo, e ele sempre me contava sobre as estrelas e as constelações.” A bióloga, inclusive, diz se recordar da época de astronomia da escola Rudolf Steiner, quando os alunos iam para Brotas para observar o céu, “aquela viagem foi muito marcante pra mim”, conta ela. A pesquisadora explica que sempre gostou de biologia, e que desde sua infância tinha contato com a natureza.



A pesquisadora compara o solo de Marte com os solos terrestres degradados. Se essa terra sem vida pode se regenerar, é possível utilizar esse mesmo método com áreas secas, inférteis e, principalmente, áreas atingidas pelo desmatamento. Ela ainda dá exemplos que poderiam se beneficiar do projeto, como a Caatinga e o Rio Grande do Sul que, por conta das enchentes, tiveram grande parte da suas terras degradadas.

Rebeca ainda expõe que os quesitos para ser um astronauta se encaixam perfeitamente com as qualidades de um aluno Waldorf. “Conheci uma mulher dentro da NASA que era a responsável por selecionar os astronautas[...] Ela compartilhou comigo a lista de critérios que a NASA usa para selecionar os astronautas e, é interessantíssimo! Você imagina que o primeiro critério seria que a pessoa fosse um gênio, super técnico, mas não. A primeira coisa nessa lista é o autocuidado, então a NASA procura pessoas que tenham esse senso de cuidar de si mesmas, para que elas possam cuidar da sua tripulação também, porque no espaço eles dependem muito um do outro[...]O segundo critério é a criatividade, e é muito engraçado, porque o resto dessa lista continua descrevendo um ex-aluno Waldorf.”

Existe o tabu de que a maioria dos alunos Waldorf se tornam artistas, Rebeca é um dos vários exemplos de que a Steiner forma alunos que podem ser o que quiserem. “Tem muito esse mito, ‘crescemos em uma bolha e vamos pro mundo real e é outra coisa’, na verdade é o contrário. Eu me sentia muito melhor preparada para lidar com o mundo, porque eu tinha várias habilidades, tinha muita confiança em

mim mesma, que eu ia dar conta de tudo que viesse no meu caminho e eu me sentia muito livre pra poder seguir o que eu quisesse seguir.” Para completar, ela diz que a Waldorf proporciona um ensino generalista, que abre várias portas para o aluno ter a liberdade de escolher por onde trilhar.



Entrevista completa disponível no subcanal do Youtube:
PodSTEINER?™

Expediente

Equipe do Nós

Christian Scarillo, Helena Aguiar de Campos,
Helena Würker, Larissa Ventriglia Benedecti,
Vânia dos Santos Meira

Desenho da Capa

Kátia Machado

Edição de textos e diagramação

Helena Aguiar de Campos

Coordenação de Diagramação

Larissa Ventriglia Benedecti

Revisão

Arlete Pires e Fúlvيا Libertini

Fotografia

Patrícia de Castro Cardoso

Criação do Nosinho

Alunos do 8º Ano

*Errata da edição anterior do NÓS: o texto da *Visita à Igreja Escandinava* foi escrito por Gláucia Santos e Katia Alvarenga, professoras de classe dos 4ºanos

NÓS

ESCOLA WALDORF RUDOLF STEINER

2º semestre de 2024



Escola Waldorf
Rudolf Steiner